

## SEREMOS CAPAZES DE GARANTIR A SOBREVIVÊNCIA DO PLANETA?!

Cuidar da casa é tarefa não só da ecologia, mas também da economia (e da política). Contudo, está fora da agenda da economia neoclássica (e da política neoliberal), a qual, hoje praticamente hegemônica, impõe globalmente o seu *credo in unum deum* em torno da auto-regulação do mercado. Mas o mercado se auto-regula? Não é o que informa o mundo real, como demonstrado em 2008, numa crise que não é financeira, mas do próprio modo de produção capitalista, repleto de mitos aparentes e de verdades escondidas, em seus complexos mecanismos. Revelá-las é papel da reflexão científica, seja econômica e política, seja teológica, em vista de uma demitologização da fé no “deus-capital”, e da proposição de alternativas (inclusive ecológicas) já atuais para um outro mundo possível, como a partir, principalmente, da categoria do Reino de Deus.

### Textos de apoio para a análise de conjuntura:

#### **Karl Marx manda lembranças**

**O que vemos não é erro; mais uma vez, os Estados tentarão salvar o capitalismo da ação predatória dos capitalistas Cesar Benjamim\* (Folha de São Paulo, 20/09/2008)**

As economias modernas criaram um novo conceito de riqueza. Não se trata mais de dispor de valores de uso, mas de ampliar abstrações numéricas. Busca-se obter mais quantidade do mesmo, indefinidamente. A isso os economistas chamam "comportamento racional". Dizem coisas complicadas, pois a defesa de uma estupidez exige alguma sofisticação.

Quem refletiu mais profundamente sobre essa grande transformação foi Karl Marx. Em meados do século 19, ele destacou três tendências da sociedade que então desabrochava: (a) ela seria compelida a aumentar incessantemente a massa de mercadorias, fosse pela maior capacidade de produzi-las, fosse pela transformação de mais bens, materiais ou simbólicos, em mercadoria; no limite, tudo seria transformado em mercadoria; (b) ela seria compelida a ampliar o espaço geográfico inserido no circuito mercantil, de modo que mais riquezas e mais populações dele participassem; no limite, esse espaço seria todo o planeta; (c) ela seria compelida a inventar sempre novos bens e novas necessidades; como as "necessidades do estômago" são poucas, esses novos bens e necessidades seriam, cada vez mais, bens e necessidades voltados à fantasia, que é ilimitada. Para aumentar a potência produtiva e expandir o espaço da acumulação, essa sociedade realizaria uma revolução técnica incessante. Para incluir o máximo de populações no processo mercantil, formaria um sistema-mundo. Para criar o homem portador daquelas novas necessidades em expansão, alteraria profundamente a cultura e as formas de sociabilidade. Nenhum obstáculo externo a deteria.

Havia, porém, obstáculos internos, que seriam, sucessivamente, superados e repostos. Pois, para valorizar-se, o capital precisa abandonar a sua forma preferencial, de riqueza abstrata, e passar pela produção, organizando o trabalho e encarnando-se transitariamente em coisas e valores de uso. Só assim pode ressurgir ampliado, fechando o circuito. É um processo demorado e cheio de riscos. Muito melhor é acumular capital sem retirá-lo da condição de riqueza abstrata, fazendo o próprio dinheiro render mais dinheiro. Marx denominou D - D" essa forma de acumulação e viu que ela teria peso crescente. À medida que passasse a predominar, a instabilidade seria maior, pois a valorização sem trabalho é fictícia. E o potencial civilizatório do sistema começaria a esgotar-se: ao repudiar o trabalho e a atividade produtiva, ao afastar-se do mundo-da-vida, o impulso à acumulação não mais seria um agente organizador da sociedade.

Se não conseguisse se libertar dessa engrenagem, a humanidade correria sérios riscos, pois sua potência técnica estaria muito mais desenvolvida, mas desconectada de fins humanos. Dependendo de quais forças sociais predominassem, essa potência técnica expandida poderia ser colocada a serviço da civilização (abolindo-se os trabalhos cansativos, mecânicos e alienados, difundindo-se as atividades da cultura e do espírito) ou da barbárie (com o desemprego e a intensificação de conflitos). Maior o poder criativo, maior o poder destrutivo.

O que estamos vendo não é erro nem acidente. Ao vencer os adversários, o sistema pôde buscar a sua forma mais pura, mais plena e mais essencial, com ampla predominância da acumulação D - D". Abandonou as mediações de que necessitava no período anterior, quando contestações, internas e externas, o amarravam. Libertou-se. Floresceu. Os resultados estão aí. Mais uma vez, os Estados tentarão salvar o capitalismo da ação predatória dos capitalistas. Karl Marx manda lembranças.

\* Editor da Editora Contraponto e doutor honoris causa da Universidade Bicentenária de Aragua (Venezuela), articulista quinzenal da Folha de São Paulo.

#### **Elaboração metafórica feita no Fórum Social Mundial:**

**(a partir de um artigo de Frei Betto, publicado na Revista Caros Amigos de março de 2002)**

Metáfora inicial: religião – neoliberalismo. Metáforas derivadas: divindades – moedas (dólar, euro, iene), mercado e capital; idolatria das divindades – culto às idéias do neoliberalismo; igrejas – bolsas de valores; santos ofícios – FMI e OMC; hereges – todos que acreditam em outros valores; regras canônicas e princípios ortodoxos para legitimar os rituais – regras econômicas ditadas pelo FMI e OMC; vasto clero – economistas, administradores de empresas; multidões profanas – os que não conhecem as verdades do neoliberalismo; opiniões heréticas (quem não professa essa “religião”) – FSM ou “povo de Porto Alegre”, que não aceita o neoliberalismo; teólogos – Sir Adam Smith (tb.: Marshall, Alain Greenspan, comentaristas econômicos da grande mídia etc).